



TAKU, Kuroiwa. Presença de *A Canção de Rolando* no Japão moderno: a primeira apresentação e traduções (MAEDA, BAN, SATŌ). Trad. Antonio Marcos Trindade e Christina Ramalho. In: **Revista Épicas**. Ano 3, N. 5, Jun 2019, p. 1-14. ISSN 2527-080-X.

PRESENÇA DE A CANÇÃO DE ROLANDO NO JAPÃO MODERNO: A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO E TRADUÇÕES (MAEDA, BAN, SATŌ)¹

PRESENCE OF THE SONG OF ROLAND IN MODERN JAPAN: THE FIRST PRESENTATION AND TRANSLATIONS (MAEDA, BAN, SATŌ)

Kuroiwa Taku²
Universidade de Tohoku

RESUMO: *A Canção de Rolando* goza no Japão de um *status* particular entre as obras medievais francesas. Apresentado ao público a partir da era Meiji (1868-1912), por tradução-adaptação de MAEDA Chota do livro de Leon Gautier, *A cavalaria*, ele será traduzido não menos do que cinco vezes. Este artigo, depois de dizer algumas palavras sobre a apresentação da MAEDA, está interessado nas duas primeiras traduções. A primeira data de 1941, às vésperas da Guerra do Pacífico, e seu autor é BAN Takeo. Foi publicada na *Coleção de Literatura de Guerra no Mundo*, dirigida por uma certa “Sociedade de Literatura

¹ Tradução de Antonio Marcos Trindade e Christina Ramalho para o português do artigo “Èšua, Učar-kaj, Ak-Byrkan et les autres. Le renouveau épique en République de l’Altaï (Sibérie méridionale)”, publicado em *Le Recueil Ouvert*, revista do *Projet Épopée*, em 2017. Citação original: Clément Jacquemoud, «Èšua, Učar-kaj, Ak-Byrkan et les autres. Le renouveau épique en République de l’Altaï (Sibérie méridionale)», *Le Recueil Ouvert* [En ligne], mis à jour le : 11/10/2017, URL : <http://ouvrir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/269-esua-ucar-kaj-ak-byrkan-et-les-autres-le-renouveau-epique-en-republique-de-l-altaï-siberie-meridionale>.

² Formado pela universidade de Waseda em Tóquio, Kuroiwa Taku é professor da Universidade de Tohoku (Sendai, Japão). Sua pesquisa se concentra nos textos dramáticos franceses do final da primeira metade do século XV até o final desse século. Ele é autor de *La Versification des sotties. Composer, jouer et diffuser les “paroles polies”* [A Versificação das *sotties*. Composição, jogo e difusão das “letras polidas”]. As *sotties* são peças medievais dramáticas geralmente curtas, de caráter satírico e de conteúdo político. Estudioso dessas obras literárias, o professor Taku vive empenhado em transmitir-las, em publicações a cargo de H. Champion. Comprometido em descrever a constituição e a influência do imaginário japonês medieval, o professor Taku também está interessado na introdução da literatura medieval francesa no Japão.

de Guerra”, e é acompanhado por textos de propaganda. No entanto, essa tradução de BAN oferece, acreditamos, um texto fiel, com comentários e ilustrações que permitem a compreensão por parte dos leitores japoneses. Como MAEDA, BAN muitas vezes usa uma “abordagem analógica” entre os senhores feudais ocidentais e os japoneses, a fim de tornar mais compreensível a Idade Média ocidental para o público japonês. Além disso, sua decisão de traduzir esse épico em um estilo “arcaico” foi adotada pela maioria dos tradutores posteriores. O trabalho e tradução de SATŌ Teruo, realizado principalmente após a Guerra do Pacífico, pode ser considerado como um dos resultados dessa “abordagem analógica”. Ocupado por um longo tempo em comparar as epopeias medievais francesas com histórias de guerra japonesas (*gunki-monogatari*), SATŌ apresenta a segunda tradução da *Canção de Rolando*, cujo texto parece inspirar-se em clássicos japoneses, fornecendo em seu texto achados filológicos eruditos. Mais tarde, SATŌ apresentará uma síntese da comparação entre a *Canção de Rolando* e o *Conto de Heike*.

Palavras-chave: *Canção de Rolando*; Traduções japonesas; Abordagem analógica; MAEDA; BAN; SATŌ.

ABSTRACT: The *Song of Roland* takes an unusual place among the medieval French literature in Japan. Already known at the Meiji period (1868-1912), through the translation/adaptation of *The Chivalry* of Léon Gautier by MAEDA Chōta, this epic would be translated at least five times. After a few remarks about MAEDA’s presentation of the epic, this article is interested in the two first translations. The first translation, by BAN Takeo, was published just before the Pacific War. This translation was published in the *Collection of the World Literature of War*, which was directed by a certain “Society of the Literature of War”, and accompanied by propagandistic texts. Nevertheless, this translation by BAN seems accurate and supplies many useful commentaries and images for the Japanese public. As MAEDA, BAN often appeals for an “analogical method” between Occidental and Japanese forms of feudalism so as to make the Japanese public understand the Occidental Middle Ages. His choice to translate this epic through an “archaic” style has been approved by many of the later translators. The works and translation by SATŌ Teruo, generally made after the Pacific War, may be considered to be one of the achievements of this “analogical method”. Having hoped to compare the French *chansons de geste* with the Japanese war tales (*gunki-monogatari*) for a long time, SATŌ presents the second translation of the *Song of Roland*, in a style which was probably inspired by Japanese Classics and, at the same time, supplies a rich the philological apparatus. Furthermore, SATŌ will make a synthetic work of the comparison of the *Song of Roland* with the *Tale of Heike*.

Keywords: *Song of Roland*; Japanese translations; Analog approach; MAEDA; BAN; SATŌ.

A *Canção de Rolando* é uma das primeiras obras literárias da história da língua francesa, e é reconhecida como tal no Japão. Até onde sabemos, existem cinco traduções publicadas, a primeira das quais data de antes da Guerra do Pacífico, em janeiro de 1941³. O valor dessa

³ Os artigos e trabalhos dos autores japoneses que citamos são todos escritos em japonês, embora primeiro os tenhamos apresentado pela tradução de seu título em francês. Por razões técnicas, não reproduzimos fielmente certos caracteres chineses que estão fora do uso comum, encontrados nos textos originais. Finalmente, gostaríamos de agradecer à Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência (KAKENHI N.º. 17K02583), pelo seu apoio financeiro. Aqui está a lista das primeiras edições destas cinco traduções (a de WASHIDA Tetsuo omite o episódio de Baligant): *A Canção de Rolando. A Guerra do Islã*, traduzida por BAN Takeo, Tóquio, Ars, 1941 (1941 - 回教戦争 -) 坂文緒譯, 東京, アルス, 1941); *A Canção de Rolando*, traduzida por SATŌ Teruo em *Coleção de Obras-Primas da Literatura Mundial*, Vol. 65, Tóquio, Chikuma-shobō, 1962 (「ローラン歌 佐藤佐藤佐藤夫夫夫訳「学学学系所収, 東京, 筑摩書房, 1962); *A Canção de Rolando*, traduzida por ARINAGA Hiroto, Tōkyō, Iwanami-syoten, 1965 *A Canção de Rolando. História de Carlos Magno na França*, traduzida por WASHIDA Tetsuo, Chikuma-syobō, 1990 (1990); *A Canção de Rolando*, traduzida por KAMIZAWA Eizo, na *Antologia da literatura medieval francesa*, Volume 1, Tóquio, Hakusui-sya 1990 (「ロランの歌」神沢栄三訳「フランス中世文学集1-信仰と剣と-」所収, 東京, 白水社, 1990). Devemos também mencionar a existência de uma tradução-adaptação d’*A Canção de Rolando* por Isamu Inoue, contida no volume nove de sua *Coleção de histórias mitológicas e lendas* (volume dedicado a “lendas francesas e russas”), publicado em 1928: ver INOUE, Isamu e NOBORI, Syomu (ed.), *Coleção de histórias mitológicas e lendas*, volume 9, “Lendas francesas e russas”, Tóquio, Kindai-sha, 1928 (28 勇, 近代曙編編神話傳説傳説 第九卷 第九卷 佛蘭西 露露 東京 東京 近代, 近代社, 1928). Devido à quase completa ausência de informação bibliográfica, é difícil saber se as obras medievais coletadas neste volume (Berthe com Pés Grandes, A

edição da canção de gesta medieval francesa em japonês é excepcional no mundo das edições japonesas, e apenas a poesia de François Villon foi aceita com tanta receptividade nesse universo editorial.

Além dessa “popularidade”, podemos destacar esse trabalho por causa de seu *status* pioneiro nos estudos medievais franceses no Japão: de fato, algumas pequenas peças poéticas à parte, a tradução da *Canção de Rolando* em 1941 é uma das primeiras traduções japonesas diretas de obras medievais francesas. No entanto, apesar desse lugar privilegiado, ainda não temos um estudo aprofundado dessa tradução, sem dúvida por causa do contexto histórico e político em que ela surgiu: às vésperas da Guerra do Pacífico⁴. Nosso propósito aqui será, portanto, apresentar brevemente essa tradução pioneira da *Canção de Rolando* por BAN Takeo, e em segundo lugar, colocá-la em paralelo com a segunda tradução do texto, publicada em 1962 por SATŌ Teruo, um dos pesquisadores mais representativos da literatura medieval francesa no Japão do pós-guerra. Pretendemos, desse modo, dar uma idéia de como o épico francês foi recebido no Japão desse contexto histórico pós-1945.

Primeiramente, porém, examinaremos brevemente a presença da *Canção de Rolando* no Japão antes dessas primeiras traduções da era Meiji (1868-1912). Teceremos, portanto, considerações sobre a tradução da *Canção de Rolando* por BAN Takeo, antes de fazer uma breve apresentação do trabalho de SATŌ Teruo.

Presença da *Canção de Rolando* no Japão desde a era Meiji⁵

Após a abertura do Japão, que inaugurou a chamada era “Meiji” em 1867, todo o Japão se mobilizou para se adaptar, o mais rapidamente possível, ao imperialismo das grandes

Canção de Rolando, Ami e Amile, Rei Flore e a Bela Jeanne, Erec e Enide e Eliduc de Marie de France) foram traduzidos diretamente do francês antigo. O exame rápido que fizemos nos faz pensar que é mais uma adaptação do que uma tradução em sentido estrito. Portanto, vamos excluí-lo de nossa análise, mesmo que mereça ser examinado em mais detalhes. Agradecemos ao autor do site <gensounobuki.fc2web.com/frame.html>, acessado em janeiro de 2017, pelas informações sobre a existência deste trabalho de Inoue. Finalmente, há a adaptação de *A Canção de Rolando*, de James Baldwin, por YŪKI Kō, publicada durante a Guerra do Pacífico como literatura juvenil (agradecemos a SETO Naohiko pelas informações sobre esta adaptação): ver YŪKI, Kō, *O Chifre de Roland*, Tóquio, Kyōbunkan, 1943 (1943), 1943 (43 — ララの笛笛笛由由由康康東京, 43, 43文43).

⁴ O único trabalho que encontramos foi o de HARANO Noboru (HARANO, Noboru, “Cultura Estrangeira na *Canção de Rolando*”, em *Intercâmbios Culturais na Europa Medieval*, Hiroshima, Keisui-sya, 2000, pp. 7-53 (原野昇「『ロランの歌』に見る異文化」, 中世ヨーロッパに見る異文化接触」, 広島, 溪水社, 2000, p. 7-53) presente em Harano, Noboru, *Literatura na França na Idade Média*, Hiroshima, Hiroshima University Press, 2005, pp. 165-204). Esperamos que esse artigo seja um primeiro passo para analisar o lugar dessa tradução na introdução da literatura medieval francesa no Japão.

⁵ Para esta parte do artigo, contamos com duas obras mencionadas por MATSUBARA Hideichi, durante uma mesa redonda sobre a introdução da literatura medieval francesa no Japão, organizada para a revista Ryūiki: “Literatura medieval francesa e Japão”, Ryūiki, 57 (2005/2006), p. 56-57(「フランス中世文学と日本」, 『流域』, 57 (2005/2006), p. 56-57). Alguns participantes dessa mesa redonda também mencionam vários livros didáticos ou trabalhos em inglês que serviram como intermediários para a introdução da literatura medieval francesa durante as eras Meiji (1868-1912) e Taishō (1912-1926).

potências ocidentais, através de uma modernização político-social e rápida industrialização⁶. A introdução das ciências ocidentais andou de mãos dadas com esse movimento geral, e a tradução dos escritos ocidentais foi feita primeiramente nos campos das artes militares, das ciências e do direito, antes das artes e das letras⁷.

A presença da *Canção de Rolando* no Japão também data desse período. Já em 1891, Shibue Tamotsu, prolífico autor e tradutor, fez uma apresentação da *Canção de Rolando* em sua *História da Literatura Alemã e Francesa*⁸. Referindo-se aparentemente a fontes escritas em inglês, o autor dedica várias páginas à literatura medieval francesa, incluindo nelas a *Canção de Rolando*, da qual oferece um resumo⁹.

Mais tarde, a tradução-adaptação de *A cavalaria*, de Léon Gautier, foi realizada por MAEDA Chota em 1909, sob o título de *O Caminho do Guerreiro Ocidental*¹⁰. Nessa tradução-adaptação, na qual a figura de Rolando é mencionada várias vezes como um dos heróis-tipos do cavaleirismo medieval, MAEDA anuncia da seguinte maneira seu projeto de tradução da *Canção de Rolando* para o japonês, um projeto aliás que ele não realizará sozinho:

[...] 且余はローランの功業を記したる西歐文壇の逸品『ローランの謠』と題するものを譯するの意あれば、詳しきは其時に譲るべし¹¹。

[...] E como pretendo traduzir uma das obras-primas do mundo literário ocidental, a *Canção de Rolando*, a qual descreve as gestas de Rolando, nesta oportunidade vou desenvolver os detalhes [da sua morte].

Nessa tradução-adaptação de *A cavalaria*, MAEDA acrescenta várias passagens que visam familiarizar o público japonês do início do século XX com a civilização medieval ocidental. Ele faz uso extensivo de um método de adaptação cujos traços muitas vezes podem ser observados nas traduções japonesas da *Canção de Rolando*: a comparação entre a Idade Média japonesa e a francesa e o cruzamento do vocabulário feudal e/ou pseudo-feudal dessas duas

⁶ Durante a redação deste trabalho, ao falarmos da história do Japão moderno, referimo-nos frequentemente a: MASAMURA, Kimihiro, *A História do Japão Moderno na História Mundial*, Tóquio, Tōyōkeizai-shinpōsha, 1996 (正村公宏『世界史のなかの日本近現代史』, 東京, 東洋経済新報社, 1996).

⁷ Ver MARUYAMA, Masao e Katō, Shūichi, *Tradução e Modernidade Japonesa*, Tóquio, Iwanami-shoten, 1998, p. 149-150 (丸山真男, 加藤周一『翻訳と日本の近代』, 岩波書店, p. 149-150).

⁸ Ver SHIBUE, Tamotsu, *História das Literaturas Alemã e Francesa*, Tóquio, Hakubun-kan, 1891 (澁江保「獨佛學文學史史」, 東京, 博文館, 1891). Em SHIBUE, ver também Lozerand, Emmanuel, “Escrevendo o Passado no Início da Era Taishō: Literatura e História em Ōgai Mori Rintarō (1862-1922)”, *Boletim da Escola Francesa do Extremo Oriente*, vol. 83/1, 1996, p. 117-123.

⁹ SHIBUE, *op. cit.*, p. 169-171.

¹⁰ Ver *O Caminho do Guerreiro Ocidental*, editado e traduzido por MAEDA Chōta, dirigido por NITOBÉ Inazō, Tóquio, Hakubun-kan, 1909 (前田長太纂譯『西洋武士道』新渡戸稲造監修, 東京, 博文館, 1909).

¹¹ *Ibid.*, p. 431-432.

civilizações: duques e condes traduzidos por vocábulos como “奉行” *bugyō* et “知事” *chiji*¹², ressuscitados por “産土神參” *ubusunamairi...*¹³. MAEDA comenta essas conexões culturais ou lexicográficas. Todos esses exemplos, aproximando os costumes da sociedade medieval francesa com os costumes ou rituais da sociedade feudal ou pós-feudal japonesa, visam fazer com que o universo cultural da sociedade medieval francesa seja compreendido pelo público japonês. A aproximação desses universos culturais constitui, assim, uma abordagem que pode ser descrita como “analógica”. O número de casos semelhantes será muito importante, se levarmos em conta todas as substituições inevitáveis do vocabulário francês por palavras japonesas feitas sem comentários¹⁴.

MAEDA traduziu e adaptou o livro de Léon Gautier a partir da proposta de NITOBÉ Inazō, o qual não é outro senão o autor do *Bushidō* (『武士道』), isto é: *O Caminho do Guerreiro*. MAEDA apresenta o objetivo de seu trabalho da seguinte forma:

余の本書を譯したる目的は、日本武士道書を著はす者と大差なし、[...] 余の西洋武士道を譯せるも亦之と同じく、泰西固有の特質美點を紹介し、封建時代の花と歌はれし義騎^{シヤフル}を咲かしめ、西洋古武士の眞面目を描寫して、以て今日の人々の義俠心を奨勵し、忠君愛國の精神を涵養して、聊か物質の文明の餘弊救治の一助に供せんとする微表にして、決して東西武士道の優劣を定むるの意にはあらざるなり¹⁵.

A razão pela qual eu traduzi este livro não está tão longe das motivações daqueles que escrevem livros sobre o Caminho do Guerreiro Japonês. [...] Se eu traduzi este *Caminho do guerreiro ocidental*, é para apresentar as características e qualidades próprias do Ocidente, para fazer sentir o espírito de cavalheirismo, aquele chamado a flor da era feudal, e descrever os traços essenciais dos antigos guerreiros ocidentais. Desta forma, espero encorajar o espírito cavalheiresco de nossos contemporâneos, cultivar os valores de *chûkun-aikoku* [= fidelidade ao imperador e amor à pátria] e, finalmente, ajudar a corrigir, mesmo que modestamente, o dano gerado pela civilização materialista. Portanto, não é de forma alguma fazer o Caminho do Oriente competir com o do Ocidente.

Se o autor afirma que a sua tradução-adaptação não pretende “fazer competir o Caminho do Oriente com o do Ocidente”, o objetivo patriótico do livro é, no entanto, muito real, como se pode vislumbrar a partir da evocação do *chûkun-aikoku*, uma das noções-chave da mentalidade do Japão pré-guerra. Em 1905, o Japão, que havia entrado em sua fase de modernização ha cerca de quarenta anos, fora vitorioso em sua guerra contra a Rússia, que já era uma das maiores potências européias; e essa vitória contra a Rússia, embora não fosse certa,

¹² *Ibid.*, p. 31.

¹³ *Ibid.*, p. 142.

¹⁴ A constituição do vocabulário que designa a civilização medieval em japonês parece-nos um assunto que merece ser aprofundado.

¹⁵ *Ibid.*, p. 2-3 (paginação do prefácio).

mesmo no final dos combates, por causa da falta de capacidade para continuar a guerra, contribuiu para reforçar o nacionalismo do país, amplamente compartilhado não só pelos líderes políticos, mas também pela maioria dos adversários e pelos japoneses em geral. O *Caminho do Guerreiro* japonês pouco contribuiu para esse nacionalismo e para consolidar o novo regime Meiji: essa ideologia, que nem sempre correspondia à realidade dos antigos samurais (muitas vezes independentes de seu senhor), havia sido amplamente remodelada para justificar o sacrifício do indivíduo a serviço do chefe do clã ou do governante¹⁶. Nesse sentido, a passagem emblemática da tradução-adaptação seria aquela na qual MAEDA tenta comparar o cristianismo e a fidelidade “feudal”, dando-as como o pano de fundo mental desses dois caminhos:

此は是れ當時の武士信條とも見るべきものにして、天真爛漫の心、洵に愛すべからずや、蓋し神を信ずるの深き、彼等に及ぶ者なかりき、惟ふに日本の武士が君の爲に盡したる所、西洋の武士は之を神の爲に盡したるものにして、其の目的とする対象は各々相異なりと雖、其の盡したる心事に至りては彼此同一なりと云ふべし、我に在りて忠君愛國と稱するもの、彼に在りては忠神愛教會なり、忠愛の文字其當を得ずとせば、敬愛の文字を以て之に代へ、敬神愛教會と稱すべし、而して敬神愛教會の心は信仰の一字を以て之を盡すべし¹⁷.

Isso deve ser considerado o credo dos guerreiros da época. Não é a ingenuidade deles realmente admirável? De fato, ninguém acreditou tão profundamente em Deus quanto eles. E, na minha opinião, os guerreiros ocidentais serviam a Deus como os guerreiros japoneses serviam a seus senhores; embora eles servissem a realidades diferentes, suas mentes eram, por assim dizer, idênticas. Nossa *chūkun-aikoku* [= fidelidade ao imperador e amor à pátria¹⁸] traduziria, para eles, *chûshin-aikyōkai* [= fidelidade a Deus e amor à Igreja]. Se a expressão *chûshin* [= fidelidade a Deus] não é apropriada, pode-se substituí-la por *keishin* [= veneração a Deus] e torná-la *keishin-aikyōkai* [= veneração a Deus e amor à Igreja]. E a maior parte desse espírito consiste pura e simplesmente em fé.

MAEDA termina, pois, fazendo um paralelo entre o Deus cristão e o Imperador Meiji, bem como os senhores feudais do Japão. As propagandas dos livros encontrados no final do volume também corroboram o clima patriótico que reina nesta tradução-adaptação, um clima que reflete o da sociedade japonesa após a guerra russo-japonesa¹⁹.

¹⁶ Ver MASUMURA, *op. cit.*, p. 116. Para a moda *bushidō* na era Meiji, ver também Benesch, Oleg, *Inventando o Caminho do Samurai*, Oxford University Press, 2014, Capítulos 3 e 4.

¹⁷ MAEDA, *op. cit.*, p. 55.

¹⁸ No contexto atual, a expressão *chūkun* pode, é claro, ser entendida como “lealdade ao Senhor”; mas a expressão *chūkun* na era Meiji parece significar lealdade ao Imperador Meiji, especialmente na expressão composta *chūkun-aikoku*. Por outro lado, parece-nos que MAEDA realiza implicitamente uma dupla assimilação nesta passagem, primeiro entre os antigos guerreiros do Japão e os do Ocidente, e depois entre os antigos guerreiros do Japão e seus contemporâneos.

¹⁹ Ver MAEDA, *op. cit.*, p. 2-8 (paginação de anúncios). Primeiro, há a propaganda das obras de MAEDA, como *As Mães dos Grandes Homens* (『偉人の母』), *A Formação das Virtudes Femininas* (『女徳の養成』) e *As Cataratas* (『品性論』); em seguida, os outros trabalhos como *A Coleção no bushidō* (『品性論』) (『武士道 叢書』), *Coleção de leis de família bushidō* (『武士道家訓集』). *A história do bushidō japonês* (『日本武士道史』), *A Vida Nelson* (『英國水師提督ネルソン傳』) de Alfred Thayer Mahan, sobre o caráter de Napoleão (『ナポレオン性格論』) de Bansui Doi, *Discurso sobre a história* (『歴史叢話』) de MITSUKURI Genpachi, *O cerco de Port-Arthur narrado*

A tradução de BAN Takeo: *A Canção de Rolando. A guerra do islã*

Mais de trinta anos depois, a primeira tradução japonesa da epopeia medieval francesa foi publicada pelas edições Ars, em 7 de janeiro de 1941, sob o título de *A canção de Rolando. A guerra do Islã*²⁰. Já em guerra com a China há vários anos, o Japão havia acabado de concluir o Pacto Tripartite com a Alemanha e a Itália (em setembro de 1940) e se veria mergulhado na Guerra do Pacífico no final do mesmo ano. Nesse contexto, o nacionalismo japonês assumiu um caráter distintamente expansivo. Em sintonia com esse pano de fundo político-social, o trabalho foi publicado em uma coletânea intitulada *Coleção de Literatura de Guerra no Mundo*, dirigida por uma certa “Sociedade de Literatura de Guerra”, que parece querer apoiar vigorosamente a política externa do Japão desse período. Por isso, há tantos títulos propagandísticos nos anúncios no final do livro – como a “Coleção Nazista”, por exemplo²¹.

Esse caráter altamente propagandístico também aparece no conteúdo: textos auxiliares ocupam cerca de um terço do volume, composto por uma coleção de artigos escritos por vários autores, agrupados sob o título de “A cultura da guerra no Islã”²², enquanto outro artigo, apresentado separadamente, intitula-se “História da literatura da guerra na Europa”. A primeira coleção pretende apresentar a civilização islâmica, às vezes tentando demonstrar a superioridade dos muçulmanos sobre os ocidentais. A civilização muçulmana é apresentada aí como responsável pela origem do desenvolvimento do Ocidente e vista como mediadora em relação à influência da civilização do Extremo Oriente. O artigo “História da literatura da guerra na Europa”, que é uma leitura da *Canção de Rolando* por MARUYAMA Kumao, apresenta-a como uma obra que descreve a oposição entre o Ocidente e a Ásia (aqui considerada em sentido bem amplo). Para chegar a essa conclusão, o autor negligencia deliberadamente a vitória final alcançada por Carlos Magno no poema²³.

por oficiais russos (『露軍將校旅順籠城實談』) de CHIZUKA Reisui et de NAITŌ Masaki, *Centenas de anedotas do exército Kuroki* (『黒木軍百話』) de KURUHARA Keisuke, *Discurso dos notáveis de hoje* (『現代名士の演説振』), *A verdadeira história de Ito Hirobumi* (『籐公實歴』) e *Grande coleção de discursos notáveis* (『名流談海』) de ŌHASHI Otowa, *Seis grandes mestres do Império* (『帝國六大教育家』) *Os pais notável* (『名士の父母』) e, finalmente, *História da Guerra Russo-Japonesa*. Versão corrigida (『訂正日露戦史』).

²⁰ Ver nota 2.

²¹ Ver a *Canção de Rolando. A guerra do Islã*, trad. citado, p. 334-339. Há anúncios para os livros da seguinte forma: *Monte Fuji* (『富士山』), coleção de fotos de OKADA Kōyō, *O Caminho para o Oriente* (『東洋への道道』), coleção de fotos de Ferenc Haár, Mammonart d’Upton Sinclair, traduzido como *A História da Literatura do Novo Mundo* (『新世界文學史』), *Sobre a Literatura da Guerra* (『戦争文學論』) por MARUYAMA Kumao, *Nazi Collecton* (『ナチス叢書』) e, finalmente, *Coleção de Literatura de Guerra no Mundo* (『世界戦争文學全集』).

²² Aqui estão os títulos desses artigos: “O Império Islâmico e o Leste da Ásia”, “Islã”, “A História do Movimento Islâmico”, “A Economia de Guerra do Islã”, “As Ciências Árabes”, “Música árabe” e “A arte islâmica”.

²³ Ver MARUYAMA, Kumao, “História da literatura da guerra na Europa (1): *A Canção de Rolando*”, *ibid.*, P. 299-332 (一熊雄「歐洲戦争文學史(一)ロオランンの歌歌」, *ibid.*, Pp. 299-332). Maruyama conheceu BAN na década de 1930, enquanto estudava em Paris como bolsista do governo francês: ver MARUYAMA, Kumao, *Paris dos anos 30 e eu*, Tóquio, Kamakura-shobō, 1986, p. 38-39 (1986, pp 38-39). Mais tarde, ele afirmou que estava interessado em

Por outro lado, os comentários do tradutor, BAN Takeo²⁴, estão muito menos impregnados desse clima político, pelo menos segundo o exame que conseguimos realizar²⁵. BAN fornece uma coleção de comentários sobre a história medieval, sobre o manuscrito de Oxford do Rolando e sobre os costumes da Idade Média ocidental, com imagens abundantes, as quais ajudam os leitores japoneses a alcançarem uma melhor compreensão da cultura medieval ocidental²⁶.

É provavelmente movido por uma preocupação pedagógica que BAN faz significativas comparações, confiando, conscientemente ou não, no que chamamos de “abordagem analógica”, a qual tem sido a abordagem também de MAEDA. De fato, para explicar a ligação entre o texto e a música na *Canção de Rolando*, escreve BAN, citando exemplos tirados de *Jeu de Robin, Marion, Aucassin e Nicolette*:

[...] 「ロオランの歌」も、一行（或は二行）毎に、極めて簡素な一つ（或は二つ）の歌曲を繰返して、甚だ素朴に語られたのだらうといふ見當はつく。幸若舞の歌や、祭文などまで遡らずとも、現今の琵琶唄や詩吟の單調な節を知つてゐる吾々は、佛蘭西中世の軍記や物語が殆ど讀む様な睡い調子で歌はれた事も、割合樂に想像できる譯である [...] ²⁷

[...] Podemos supor que a *Canção de Rolando* provavelmente também foi recitada de uma forma extremamente simples, repetindo uma (ou duas) melodia (s) muito depurada (s) para cada linha (ou para todas). Sem ter que voltar ao canto de *kōwakamai* [= uma antiga dança de recitativo] ou ao *saimon* [= uma espécie de oração cantada], para nós que estamos familiarizados com as melodias monótonas de *biwa-uta* [= as músicas acompanhadas pelo *biwa*, instrumento de cordas japonês] e *shigin* [= uma forma de poesia cantada] nos dias de hoje, é relativamente fácil imaginarmos que as canções de gesta francesas e os romances medievais foram cantadas/os, ou quase lidas/os, num tom convidativo ao sono [...].

propaganda política em geral (ver *ibid.*, p. 127-129). Usamos as informações bibliográficas apresentadas no blog ODA Mitsuo sobre a relação entre Maruyama Kumao e Takeo BAN <<http://d.hatena.ne.jp/OdaMitsuo/>>, especialmente a entrada de 26 de agosto de 2011, consultado durante o segundo semestre de 2016.

²⁴ BAN Takeo era um helenista e foi educado em Paris como bolsista do governo francês (assim como Maruyama) na década de 1930. Depois de retornar ao Japão, ele trabalhou na seção de documentos especiais da Biblioteca da Dieta, bem como no Ateneu Francês, uma famosa escola de língua francesa em Tóquio, na qual atuou como professor de grego. Sabemos também que ele frequentou cursos de filologia francesa durante sua estada em Paris, como os de Charles Bruneau, Ferdinand Brunot, Alfred Jeanroy, Mario Roques ou Joseph Bédier. Ver *ibid.*, p. 38-39; Ban, Takeo, “A Sorbonne na década de 1930”, *To*, 1-6 (1949), p. 68-70 (ソ 丈 緒 「三十年代 ソ ソ ソ ポ ボ ボ ア ア 大学 世界 ソ 大学 大学 大学 1-, 「塔」, 1-6 (1949), pp. 68-70).

²⁵ Nós só encontramos a palavra *iteki* (“夷狄”, isto é, “bárbaro”), a única que poderia denunciar esse sentido de propaganda. No entanto, um exame mais detalhado seria necessário.

²⁶ Essas características também são encontradas em sua tradução quase contemporânea de Gaston Baty: *A máscara e o incensário. Introdução à estética teatral* [título da versão japonesa: *O essencial do teatro*], traduzido por BAN Takeo, Tóquio, Hakusui-sya, 1942 (42 ス ト ン バ バ バ テ の の 髓 髓 坂 坂 東京 東京 東京 東京 東京 白水 社, 1942).

²⁷ A *Canção de Rolando. A guerra do Islã*, trad. citada, p. 216. Esta comparação será repetida com pequenas modificações em um breve artigo mais tarde escrito por BAN: ver BAN, Takeo, “A música das epopeias medievais”, *Dokusyō-shunzyū*, 3-9 (1952), p. 18-20 (坂 丈 緒 「中 世 叙 事 の の 楽 曲 「, 「讀 書 春 秋」, 3-9 (1952), 18-20).

Como texto básico, BAN utilizou a moderna edição crítica de Joseph Bédier (edição crítica publicada em 1931, 92ª edição), a qual ele escolheu traduzir em prosa²⁸; entre os trabalhos críticos que usou, ele cita os comentários de Bédier e a edição crítica de Léon Clédât²⁹. O exame superficial do texto nos permite dizer que, apesar do caráter propagandístico do volume como um todo, o texto da tradução de BAN parece ser fruto de um trabalho metucioso e livre de aparentes erros ou interpretações forçadas³⁰.

Como observamos no início, essa tradução de textos pertencentes ao repertório medieval francês é uma das primeiras em japonês. Em seu prefácio, o tradutor menciona as dificuldades que encontrou nesse esforço sem precedentes, especialmente no que diz respeito à escolha de estilo e vocabulário:

譯文が多少擬古的になり過ぎた嫌ひがあるが、それは一つには古代佛蘭西語で書かれたこの古い物語の調子に引摺られたせみであり、一つには又、語感の新し過ぎる言葉は、如何に翻譯と雖も避けたかつたので、何れの時代にも存在しなかつたやうな、かゝる奇妙な文體が出来上つた次第である。武具、馬具を始め服装や風俗を示す單語は、出来るだけそれに近い物を示す和名を用ひ、又さう云ふ物の名所³¹の全く日本に存在しない物には、譯者が適當と考へた和名を發明するより外なかつた。これは何れにしても一種の符牒に過ぎないから、それ等が實際何んなものであつたかは、別項の説明と圖版によつて出来るだけ明かにして置いた積りである³²。

Certamente, optei, para esta tradução, por um estilo bastante arcaizante. E isso aconteceu, por um lado, devido à influência que recebi do tom de certa velha história escrita em francês antigo, e, em segundo lugar, porque eu não queria usar, embora seja uma tradução, palavras que soam muito novas. É por essas razões que acabei criando esse estilo estranho, que não existiu em qualquer época. Para as palavras designando armas e arreios, bem como roupas e moral, tentei usar, tanto quanto possível, palavras japonesas que designam coisas semelhantes. Quando não havia, eu tive que inventar novas palavras japonesas que pareciam apropriadas para mim³³. Em todo caso, todas essas palavras são apenas tipos de signos, e eu tentei mostrar, tanto quanto possível, o que elas realmente significavam por explicações e imagens agrupadas.

²⁸ Mais tarde, BAN justifica sua escolha pela ausência de uma tradição escrita de longos textos versificados em japonês: ver *ibid*. Também deve ser notado que todos os tradutores posteriores, exceto WASHIDA Tetsuo, escolheram a tradução justalinear.

²⁹ Ver a *A Canção de Rolando. A guerra do Islã*, trad. citada, p. 2-3.

³⁰ Nós comparamos a tradução de BAN com a edição de Joseph Bédier em 1931 (*A Canção de Rolando*, publicada depois do manuscrito de Oxford e traduzida por Joseph Bédier, Paris, L'Édition d'art H. Piazza, 1931 (104ª edição). Assim como o *Caminho do Guerreiro Ocidental*, nossa revisão do texto de BAN ainda é incompleta, e parece-me que o texto raramente se afasta da tradução moderna de Joseph Bédier.

³¹ Esses dois personagens são lidos aqui segundo *nadokoro*.

³² *A Canção de Rolando. A guerra do Islã*, trad. citada, p. 3.

³³ Em japonês, é possível forjar uma nova palavra a partir de vários caracteres chineses, cada um com um significado conhecido, que se combinará para receber um novo sentido global. Vimos alguns exemplos acima com a fórmula de MAEDA: "Se a expressão *cûushin* [= fidelidade a Deus] não é apropriada, pode-se substituí-la por *keishin* [= veneração a Deus] e torná-la *keishin- aikyôkai* [= veneração a Deus e amor à Igreja"].

De fato, em um comentário bastante detalhado sobre a moral da Idade Média ocidental, ele cita exemplos do feudalismo japonês e usa o vocabulário que designa os modos dos últimos para ajudar a compreensão do leitor, assim como fez MAEDA antes dele³⁴. Podemos, portanto, falar novamente de uma “abordagem analógica”.

A escolha de um estilo “arcaizante”, ou melhor, a remoção voluntária do estilo da linguagem falada e contemporânea, foi decisiva, porque quase todos os tradutores posteriores de *A Canção de Rolando* depois dele optarão por esse caminho³⁵. Essa estratégia será ainda mais sistemática em sua tradução da *Máscara e o incensário. Introdução à estética do teatro*, de Gaston Baty, na qual BAN usa conscientemente um estilo que imita a linguagem do período Heian (794-1185), aproximando-se dessa maneira do latim, da língua falada da era Muromachi (1336-1573) e do francês antigo e médio³⁶.

Tradução e obras de SATŌ Teruo

Após a derrota de 1945 e a ocupação pelos Aliados, o Japão reconquistou sua soberania em 1952 pelo Tratado de San Francisco (assinado em 8 de setembro de 1951), enquanto concluía uma aliança militar com os Estados Unidos. Tendo recuperado sua independência, o Japão voltou-se para uma expansão econômica e não militar (como foi o caso antes da guerra)³⁷. Apesar da rejeição do militarismo pré-guerra, a tradução de BAN certamente influenciou as gerações subsequentes. Isto é comprovado pelo fato de, muito mais tarde, tradutores do poema, como ARINAGA Hiroto e WASHIDA Tetsuo, citarem esse trabalho de BAN em suas traduções³⁸, e também pelo fato de que, retomada em outra coleção literária, a tradução de BAN continuou a ser usada mesmo depois de 1945³⁹.

O segundo tradutor, SATŌ Teruo, também não ignora esse trabalho pioneiro: ele o menciona em sua primeira monografia publicada em 1941, *Estudo sobre literatura oral na França na Idade Média*⁴⁰. Nesse trabalho, dedicado principalmente à apresentação do livro de

³⁴ Ver especialmente *ibid.*, p. 221-226.

³⁵ Apenas WASHIDA Tetsuo escolherá traduzir o épico francês em um estilo que absorve a influência da linguagem falada e contemporânea.

³⁶ Ver Baty, *A máscara e o incensário*, trad. citada, p. 13-14.

³⁷ Ver MASUMURA, *op. cit.*, p. 319.

³⁸ Ver a *A Canção de Rolando*, traduzida por ARINAGA Hiroto, trad. citada, p. 290; *A Canção de Rolando. História de Carlos Magno na França*, traduzida por WASHIDA Tetsuo, trad. citada, p. 21.

³⁹ Para esta versão (aparentemente retrabalhada), ver a *Canção de Rolando*, traduzida por BAN Takeo, na World Literature Collection: Literatura Clássica, Volume 3 (“Épico Medieval”), Tóquio, Kawade-shobō, 1952 (『ロオランの歌』坂文緒訳, 『世界文学全集古典篇 第三卷 中世叙事詩篇』所収, 東京, 河出書房, 1952). Essa versão está, naturalmente, isenta da influência de todos esses textos de tendência propagandística que acabamos de mencionar.

⁴⁰ Ver *Estudo sobre Literatura Oral na França na Idade Média*, Tóquio, Hakusui-sya, 1941, p. 13-14 (佐藤輝夫『佛蘭西中世「語りもの」文藝の研究』, 東京, 白水社, 1941, p. 13-14).

Joseph Bédier sobre a origem das canções de gesta, SATŌ apresenta uma perspectiva comparativa que certamente é familiar à de MAEDA e à de BAN. Ao mesmo tempo, SATŌ especifica o objeto com o qual estabelecerá a comparação: com as histórias de guerra japonesas e, em particular, com o *Conto de Heike*, que ele não cita explicitamente⁴¹:

その結果から見ると、この文藝はなかば歴史的、なかば想像的軍記ものであり、三絃器(Vielle)にかなで合せて語られたものであるから、所謂「語りもの」文藝の一種である。さう見るとわが國文學史上の所謂軍記物語と多くの點に於ての類似がなり立つ。勿論わたくしは國文學については一個の門外漢であるから、わが國の軍記物語の成立過程がどの點までつきとめられてゐるかは全く識らぬが、これとやや等しいフランスの「語りもの」が、凡そどのやうな成立過程を持つてゐるかの紹介は、文藝の広い意味での比較研究的見地から見て、全然意義なしとは考へない [...] ⁴².

Em suma, essa literatura [= canções de gesta], recitada com acompanhamento de alaúde, conta guerras semi-históricas, meio-imaginárias. É, portanto, uma espécie de *katarimono* [= a narração épica ao estilo do *Conto de Heike*]. Se olharmos para as coisas a partir dessa perspectiva, poderíamos apontar vários pontos semelhantes com os *gunki-monogatari* japoneses [= histórias de guerra como as do *Conto de Heike*, *Hōgen*, *Heiji* ...]. Naturalmente, como não sou especialista em literatura japonesa, não sei quanto exploramos a gênese de nosso *gunki-monogatari*, mas apresentar os contornos da gênese do *katarimono* francês, que é mais ou menos semelhante ao nosso, não me parece completamente desimportante, do ponto de vista dos estudos comparativos da literatura em sentido amplo [...].

Mais tarde, em 1962, SATŌ também publicou uma tradução da *A Canção de Rolando* na *Coleção de Obras-Primas da Literatura Mundial*, cujo caráter puramente cultural está muito distante da estrutura propagandística da tradução de BAN⁴³. De fato, na década de 1960, o Japão experimentou um crescimento econômico significativo – mesmo em comparação com outros países ocidentais – e foi reconhecido como uma potência econômica em nível internacional⁴⁴.

Ao contrário de BAN, SATŌ fornece uma tradução justilinear (cada linha do texto original correspondendo aproximadamente a uma linha do texto em japonês), com comentários e variantes textuais. Por outro lado, assim como BAN, ele não traduz essa epopeia buscando

⁴¹ A idéia de comparar o *Conto de Heike* com épicos ocidentais aparentemente remonta a NISHI Amane, mas é um artigo de IKURA Kōji, publicado logo após a Guerra Russo-Japonesa, que essencialmente ajudou a definir o *Conto de Heike* como um “épico nacional”: ver IKURA, Kōji, “O conto de Heike como um épico nacional”, *Teikoku-bungaku*, 12, 3-5 (1906), p. 335-349, p. 463-473, p. 598-608 (生田功治「國民的敘事詩としての平家物語」, 『帝國文學』, 12, 3-5 (1906), p. 335-349, p. 463-473, p. 598-608); ŌTSU, Yuichi, *O Renascimento do conto de Heike. Criação de um épico nacional*, Tóquio, NHK shuppan, 2013, capítulo 2 (大津雄一『『平家物語』の再誕 創られた國民敘事詩』, 東京, NHK出版, 2013, 第二章).

⁴² SATŌ, *Estudo sobre literatura oral na França na Idade Média*, *op. cit.*, p. 14-15. Ver também seu outro artigo do mesmo período: SATŌ, Teruo, “Sobre a literatura oral: em torno da interpretação das canções de gesta”, *Theatre*, 1-4, 1942, p. 64-72 (佐藤輝夫「語りものについて—武勲詩の演出を主として—」, 『演劇』, 第一卷第四号, 1942 (7月号), p. 64-72.).

⁴³ Ver nota 2.

⁴⁴ Ver MASAMURA, *op. cit.*, p. 290.

aproximar-se da linguagem falada e contemporânea, e parece muito provável que tenha adotado como modelo estilístico os clássicos japoneses, incluindo as histórias de guerra⁴⁵. SATŌ manteve esse interesse comparatista ao longo de sua carreira: em 1973, publicou um grande estudo comparativo, *A Canção de Rolando e Heike-monogatari* [= *A Canção de Rolando e o Conto de Heike*], uma obra vencedora do Prêmio da Academia de Ciências do Japão⁴⁶. Assim, parece-nos que a tradução e o trabalho de SATŌ podem ser considerados como um dos resultados da “abordagem analógica” que descrevemos quando falamos sobre as gerações anteriores à guerra que estudaram a civilização medieval francesa. Além disso, a análise também mostra que, em resposta à mudança no clima político, o principal trabalho pós-guerra de SATŌ sobre a *A Canção de Rolando* não inclui os objetivos nacionalistas ou propagandísticos, que são vistos na apresentação da *A Canção de Rolando* feita pelas gerações anteriores⁴⁷.

Conclusão

A primeira tradução japonesa da *A Canção de Rolando*, feita por BAN Takeo quase meio século após a apresentação desse poema por SHIBUE Tamotsu e mais de trinta anos depois de *O Caminho do Guerreiro Ocidental* de MAEDA Chota, oferece um texto suficientemente preciso, apesar de seu quadro de apresentação claramente propagandístico. Baseado em seu profundo conhecimento da civilização medieval francesa – conhecimento excepcional para um japonês da época – BAN se empenhou muito para oferecer uma imagem “autêntica” dessa civilização a seus leitores japoneses; para isso, ele recorreu à ajuda de imagens abundantes e de muitos comentários. Como MAEDA Chōta, ele freqüentemente usava a “abordagem analógica”, que era uma solução muito interessante (e ao mesmo tempo linguisticamente inevitável) para representar esse épico em japonês.

Por outro lado, a tradução e os trabalhos de SATŌ Teruo poderiam ser considerados como resultado dessa “abordagem analógica”. A diferença entre eles consiste claramente em que nem o conteúdo nem a estrutura de suas obras, publicadas principalmente após o fim da

⁴⁵ WASHIDA Tetsuo, um estudante de SATŌ e quarto tradutor de *A Canção de Rolando*, testemunha que o próprio SATŌ disse que imitava o estilo de Awa-ningyō-jōruri, tradicional teatro de fantoches de Tokushima, sua região natal (ver WASHIDA, Tetsuo, “Guerreiro” e “provincial”: memórias de nosso mestre SATŌ Teruo”, *Anais de Literatura Comparada*, Waseda University), 31, 1995, p. 136-140 (鷲田哲夫「「武人」と「地方人」—佐藤輝夫先生を偲んで—」, 『比較文学年誌』(早稲田大学比較文学研究室)第三十一号, 1995, p. 136-140).

⁴⁶ Ver SATŌ, Teruo, *A Canção de Rolando e Heike-monogatari*, Tōkyō, Chūōō-sha, 1973, 2 vols. (佐藤輝夫『ローランの歌と平家物語』(前編・後編), 東京, 中央公論社, 1973). Pretendemos apresentar, num futuro próximo, a análise desse trabalho de SATŌ em colaboração com Benoît Grévin.

⁴⁷ Além disso, de acordo com testemunho de WASHIDA Tetsuo, SATŌ tinha uma certa afinidade com a mentalidade militar: ele até queria ser um oficial da Marinha Imperial, uma carreira que ele havia abandonado por causa de sua miopia. Da mesma forma, alguns de seus trabalhos durante a Guerra do Pacífico sugerem sua ligação com esse espírito militar (ver WASHIDA, art. citado em 139).

Guerra do Pacífico, comportam mais os objetivos nacionalistas ou propagandísticos explícitos, refletindo a mudança do regime japonês após 1945.

Finalmente, devemos também sublinhar a persistente recusa da influência da linguagem falada e contemporânea como linguagem mediadora para a recepção de *A Canção de Rolando* no Japão. Esse seria um recurso para definir essa epopeia como um “cânone” da literatura medieval francesa? Não poderíamos encontrar aí uma influência continuada dos clássicos japoneses, especialmente das histórias de guerra, ainda que de maneira discreta⁴⁸? Essas questões merecem mais atenção e parecem exigir que tomemos muito cuidado ao tentar respondê-las⁴⁹.

Bibliografia resumida

Traduções e textos estudados

SHIBUE, Tamotsu, *Histoire des littératures allemande et française*, Tōkyō, Hakubun-kan, 1891 (澁江保『獨佛文學史』, 東京, 博文館, 1891).

CHŌTA Maeda, dirigée par NITŌBE Inazō, Tōkyō, Hakubun-kan, 1909 (前田長太纂譯『西洋武士道』新渡戸稻造監修, 東京, 博文館, 1909).

La Chanson de Roland. La guerre de l’Islam, traduite par BAN Takeo, Tōkyō, Ars, 1941 (『ロオランの歌—回教戦争—』坂丈緒譯, 東京, アルス, 1941).

La Chanson de Roland, traduite par SATŌ Teruo, in *Collection des chefs-d’œuvre de la littérature du Monde*, tome 65, Tōkyō, Chikuma-shobō, 1962, p. 3-93 et p. 471-473 (『ローランの歌』佐藤輝夫訳, 『世界文学大系65』所収, 東京, 筑摩書房, 1962, p. 3-93 et p. 471-473).

SATŌ, Teruo, *Étude sur la littérature orale en France au Moyen Âge*, Tōkyō, Hokusui-sya, 1941 (佐藤輝夫『佛蘭西中世「語りもの」文藝の研究』, 東京, 白水社, 1941).

SATŌ, Teruo, *La Chanson de Roland et Heike-monogatari*, Tōkyō, Chūōkōron-sya, 1973, 2 vol. (佐藤輝夫『ローランの歌と平家物語』(前編・後編), 東京, 中央公論社, 1973).

Estudos

Benesch, Oleg, *Inventing the Way of the Samurai*, Oxford University Press, 2014.

IKUTA, Kōji, “*Le Dit des Heike en tant qu’épopée nationale*”, *Teikoku-bungaku*, 12, 3-5 (1906), p. 335-349, p. 463-473, p. 598-608 (生田功治「國民的叙事詩としての平家物語」, 『帝國文學』, 12, 3-5 (1906), p. 335-349, p. 463-473, p. 598-608).

⁴⁸ Similarmente, KAMIZAWA Eizō, o último dos tradutores deste épico, diz que ele tomou as histórias de guerra como modelos para sua tradução (ver *A Canção de Rolando*, traduzido por KAMIZAWA Eizō, trad. cit. p. 530-531).

⁴⁹ Desnecessário dizer que essa recepção “japonesante” de *A Canção de Rolando* não impediu muitos acadêmicos japoneses, envolvidos nos estudos de Rolando, de dedicarem-se a trabalhos filológicos rigorosos, como OGURISU Hitoshi, para citar apenas um.

HARANO, Noboru, “La culture étrangère dans la *Chanson de Roland*”, in *Échanges culturels dans l’Europe médiévale*, Hiroshima, Keisui-sya, 2000, p. 7-53 (原野昇「『ロランの歌』に見る異文化」, 『中世ヨーロッパに見る異文化接触』, 広島, 溪水社, 2000, p. 7-53); article repris dans HARANO, Noboru, *La littérature en France au Moyen Âge*, Hiroshima, Presses de l’Université de Hiroshima, 2005, p. 165-204 (『フランス中世の文学』, 広島, 広島大学出版会, 2005, p. 165-204).

“La littérature médiévale française et le Japon”, *Ryūiki*, 57 (2005/2006), p. 56-63 (「フランス中世文学と日本」, 『流域』, 57 (2005/2006), p. 56-63).

Lozerand, Emmanuel, « Écrire le passé au début de l’ère Taishō : littérature et histoire chez Ōgai Mori Rintarō (1862-1922) », *Bulletin de l’Ecole française d’Extrême-Orient*, vol. 83 / 1, 1996, p. 117-123.

MARUYAMA, Masao et KATŌ, Shūichi, *La traduction et la modernité japonaise*, Tōkyō, Iwanami-shoten, 1998, p. 149-150 (丸山真男, 加藤周一『翻訳と日本の近代』, 岩波書店, p. 149-150).

MASAMURA, Kimihiro, *L’histoire du Japon moderne dans l’histoire mondiale*, Tōkyō, Tōyōkeizai-shinpōsha, 1996 (正村公宏『世界史のなかの日本近現代史』, 東京, 東洋経済新報社, 1996)

Ōtsu, Yuichi, *La Renaissance du Dit des Heiké. Création d’une épopée nationale*, Tōkyō, NHK shuppan, 2013 (大津雄一『『平家物語』の再誕 創られた国民叙事詩』, 東京, NHK出版, 2013).